

O RETORNO DA TERRA: AS RETOMADAS NA ALDEIA TUPINAMBÁ DA SERRA DO PADEIRO, SUL DA BAHIA

WERLAINE MIRANDA OLIVEIRA¹
UFSB, BRASIL
<https://orcid.org/0000-0003-4271-8419>

RESENHA

ALARCON, Daniela Fernandes. **O retorno da terra: as retomadas na aldeia tupinambá da Serra do Padeiro, Sul da Bahia.** São Paulo: Elefante, 2019.

Escrevo esse texto desde a perspectiva de uma indígena em contexto urbano, moradora de Buerarema-Bahia, cenário de muitas tramas e ataques ao povo Tupinambá da serra do padeiro. Por todo o contexto de violência, ameaças e tensão, me vi obrigada a manter o distanciamento das comunidades e esconder minha identidade indígena. Pondero também meu parentesco com as principais lideranças da tribo da Serra do Padeiro, sobrinha-neta da Maria da Glória (interlocutora da autora/pesquisadora), mas pertencente à tribo Tupinambá de Olivença da região do Santana, onde morei desde que nasci até os 17 anos. Presenciei na condição de espectadora e ouvinte muitos dos episódios de luta e resistência do processo de retomadas que posteriormente foram descritos a Daniela Alarcon. Essa obra foi um marco para que eu viesse a ressignificar minha identidade, a existência e resistência Tupinambá em todo território e despertar para fatos históricos, políticos e culturais para os quais nunca havia me atentado.

¹ Mestranda no programa de Pós-graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: werlaine_oliver@outlook.com

Daniela Fernandes Alarcon é doutora em Antropologia Social no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Sua dissertação de mestrado, premiada pela Sociedade de Antropologia das Terras Baixas da América do Sul (Salsa), deu origem a este livro. Em sua pesquisa se debruçou sobre as retomadas de terras, que consistem no processo por meio do qual grupos indígenas recuperam as terras de seu território original que se encontram em posse de não indígenas. Ela descreve esse processo que se deu início em 2004, ano em que o Estado brasileiro também iniciou o procedimento de demarcação das terras indígenas, mas que até hoje não foi concluído.

A história da autora com o povo tupinambá começou quando conheceu Glicélia da Silva no conselho indigenista em Brasília, onde recebeu o convite para conhecer a aldeia. Ela aceitou e em 2010 veio pela primeira vez. Manifestou seu interesse em realizar uma pesquisa com eles caso fosse aprovada no programa de Pós graduação. Sua pesquisa foi aprovada pela universidade e pelas lideranças da tribo e em 2012 e 2013 realizou sua inserção no campo utilizando o método de pesquisa etnográfica perfazendo em torno 4 meses e meio de pesquisa em campo e análise documental para levantamento dos dados empíricos.

O objetivo geral da pesquisa de mestrado, que resultou nesse livro, foi investigar o processo de resistência ao esbulho e de recuperação territorial levado a cabo pelos Tupinambá da Serra do Padeiro, com especial atenção às retomadas. Buscou reconstruir as retomadas realizadas na Serra do Padeiro, identificando elementos recorrentes ao longo dessas ações. Interessava-lhe produzir definições de retomada mobilizando conceitos, categorias e explicações produzidas pelos indígenas engajados em sua realização.

Combinou vários métodos: desde suas frenéticas anotações no caderno de campo (como aponta na introdução), realização de entrevistas, gravações de diálogos formais e informais, conversas das casas de farinha, colheita e quebra de cacau, etc. Entrevistou interlocutores prováveis e improváveis, desde jovens, adultos, idosos e até não indígenas que também vivem dentro do território. Sua pesquisa documental foi muito detalhada, consultando acervos da FUNAI, UESC, UESB, documentos antropológicos, outras pesquisas realizadas sobre o território, arquivos domésticos e os documentos da associação da tribo que foram de grande relevância.

A obra é permeada por citações diretas e indiretas dos interlocutores, expressões corriqueiras – algumas tornaram-se até subtítulos de capítulos, como: “filhos de banana”, “surra de bainha de feijão”, “lembrar e tornar a dizer”, “o sangue puxa”. Embora as citações não sejam feitas com transcrição fonética e contenham correções gramaticais, ao ler as falas de Tia Maria (Maria da Glória), Tio Lírio e tantos outros, consigo ouvi-los dizer tais coisas e até visualizá-los nas situações.

O livro está dividido em quatro capítulos. No primeiro, ela situa a trajetória do povo Tupinambá da Serra do Padeiro em um quadro amplo da história, desde o aldeamento de Nossa Senhora da Escada em Olivença, a partir do último quartel do século XIX. Descreve todos os anos de

colonização, que geraram o genocídio e etnocídio dos nossos antepassados, a revolta do Caboclo Marcellino que é muito presente das histórias narradas pelos mais velhos (que ocorreu pela oposição à construção da ponte sobre o rio Cururupe que dava acesso às terras indígenas) e o terrível massacre do Cururupe, comandado pelo então governador Mem de Sá. Além dos relatos dos anciões, existem registros oficiais da carta na qual o próprio Mem de Sá descreve para o rei de Portugal as léguas de índios que matou e as aldeias que destruiu.

Durante séculos, os direitos dos indígenas foram violados nesse território, numa tentativa cruel de apagar e silenciar a presença indígena. Tanta opressão, dominação e mestiçagem incentivada no aldeamento e acarretada violentamente pelos colonizadores, ocasionou a transformação cultural da identidade e a perda do território originário através do esbulho, da compra das terras por valores muito baixos, muitas vezes até por dívidas adquiridas em mercearias – quando os índios não tinham condições de pagar, suas terras eram tomadas, como investigou Alarcon.

Daniela Alarcon investiga ainda a presença indígena na Serra do Padeiro que é tão questionada na região. Afirma que a ocupação dessa área foi crucial para a resistência dos indígenas ao esbulho, que ocorreu entre os últimos anos da década de 1920 e o fim da década de 1930, e ficou conhecido como *a revolta do Caboclo Marcellino*. Portanto, a Serra do Padeiro se apresentou para os Tupinambá como lugar de refúgio. Além dos casamentos de pioneiros com mulheres indígenas que já viviam na Serra ou de homens não indígenas que chegavam em Olivença e estabeleciam relações com indígenas, casavam-se e então deslocavam-se para o interior, constituindo assim grande parte da população indígena que habita contemporaneamente a região da Serra do Padeiro.

Houve um longo período de negação da presença indígena, no qual não era permitido dizer que era índio, eram tratados como caboclos. Até que após anos de resistência e massacre, em 13 de maio de 2002, deu-se o reconhecimento oficial dos Tupinambá, por meio de nota técnica da Coordenação Geral de Estudos e Pesquisas da Funai. Em 2004 iniciaram o processo de construção ativa do território indígena através das retomadas. Alarcon aponta que “uma definição estreita das retomadas, que as considerasse tão somente instrumentos de pressão, é desautorizada também pelos fatos observados no desenrolar do procedimento demarcatório.” Ela desvela fatores que corroboraram a retomada de várias fazendas em contextos diferentes.

No segundo capítulo, a autora apresenta o campo de disputa frente às retomadas na Serra do Padeiro contra o processo de demarcação das Terras Indígenas. Os fazendeiros da região se reuniram e criminalizaram de forma grotesca e desumana os indígenas na sociedade através da mídia parcial e com o auxílio de poderes políticos. Em 2008 a polícia Federal realizou um ataque na Serra do Padeiro com armas de fogo, balas de borracha e spray de pimenta, na tentativa de reintegração de posse das áreas retomadas e para reprimir e intimidar a mobilização indígena. Outros episódios de violência policial foram registrados em 2009 na antiga fazenda Santa Rosa, área retomada onde indígenas foram

torturados com uma sessão de choque elétrico e spray de pimenta, entre outras agressões. Além de várias outras situações de violência, prisões do cacique e lideranças e homicídios realizados através de milícias, relatados e documentados pelos indígenas.

Ainda me lembro de todo o preconceito revelado através de críticas e termos pejorativos da população da cidade e região durante o processo de retomada da terra. Era comum ouvir: “Esse monte de preguiçosos nunca fez nada, agora querem roubar a fazenda dos outros”, “nunca vi índio negro do cabelo duro!”, “falsos índios”, “ladrões de terras”, “não são índios? Por que não vão para mata? Eles querem é tomar as fazendas que já estão prontas”, “viveram a vida toda no meio da gente e agora querem dizer que são índios”. A ignorância predominava de forma gritante, apegando-se a um ideal romantizado. Havia uma torcida pela criminalização, prisão e até extermínio do povo Tupinambá.

O capítulo três considera o longo processo de resistência indígena indicando as formas históricas recorrentes de violência e as principais estratégias de atuação política engendradas por eles, analisando os principais *Troncos* da aldeia que são as famílias que deram origem aos Tupinambá da Serra do Padeiro, em que suas ações permitiram conceber uma futura recuperação territorial. São descritos e analisados alguns mecanismos de esbulho operados contra os indígenas, bem como outras formas de violência de que foram vítimas.

São apresentadas narrativas recorrentes acerca de coronéis e fazendeiros principalmente das regiões de Una e Ilhéus que passaram a circular intensamente desde que teve início o processo de recuperação territorial e realizavam atrocidades com os povos originários através do abuso de poder. Também são consideradas narrativas de indígenas acerca dos vínculos territoriais de seus antepassados, episódios de resistência a crimes ambientais anteriores às retomadas, como o desmatamento e retirada de madeira ilegal, poluição e envenenamento dos rios e nascentes que cruzam o território. Neste capítulo também são apresentadas as predições dos mais velhos e líderes espirituais acerca do que aconteceria com a terra, e a crença nos encantados que são considerados os donos da terra.

A religiosidade da tribo continua sendo detalhada no quarto e último capítulo, além dos saberes ancestrais que combinam elementos da natureza, com seres sobrenaturais (a caipora, lobisomem, bruxas e Sucim), crenças e o modo de vida da comunidade. Os Tupinambá da Serra do Padeiro são guiados pela sua crença nos encantados. Através do pajé, o líder espiritual, os encantados se manifestam no corpo de indígenas e dão orientações acerca do que deve ser feito, das decisões que devem ser tomadas, inclusive das terras a serem retomadas.

A vida na aldeia é baseada na agricultura. Homens e mulheres se empenham na plantação e cultivo de mandioca, cacau, banana, abacaxi, produção de farinha, entre outras atividades. Embora as retomadas possuam uma certa distância entre elas, o povo está sempre se reunindo no centro da aldeia, onde fica o colégio indígena Tupinambá, a sede da associação, a casa do santo (onde são feitas as devoções e consultas) e moram Tia Maria, Tio Lírio e a maioria dos seus filhos e netos. Todos se

tratam como parentes; a vida é simples e sempre há ocasiões para ir na casa uns dos outros.

Todos os indígenas da tribo são orientados e influenciados pela liderança a viver em conformidade com a cultura e as retomadas apresentam-se como fundamentais para esse resgate. Os interlocutores de Alarcon afirmam que com as retomadas os indígenas tem se tornado capazes de deixar posições de subordinação e se dedicar a atividades tradicionais, como a agricultura, criação de animais, caça, pesca e coleta. Além disso, o fortalecimento de práticas culturais, o bem viver, a troca de saberes e histórias, a convivência e o companheirismo na resistência vêm construindo a aldeia, como afirma o cacique Babau. Permite, ainda, o fortalecimento da identidade e dos laços sociais e territoriais.

Trabalhos dessa natureza – tão bem orquestrado, com esse compromisso e envolvimento – são de extrema relevância do movimento diante de tantos ataques políticos, sociais e midiáticos. A autora envolveu-se de forma completa, comprometeu-se com o povo, suas causas e em narrar o que para eles é tão importante. Isso transparece na fala de tia Maria (a Maria da Glória): “Se eu soubesse ler, eu ia sentar e escrever tudo que já passou pela gente nessas áreas de retomada. Toda hora que eu lembrasse, eu ia lá e escrevia o que eu lembrei.” (pág. 20); e no prefácio escrito por Glicélia da Silva, onde ela expressa toda sua gratidão à Daniela Alarcon. Isso revela como o antropólogo se apresenta como um colaborador ao resgatar a história, comunicar os fatos e, de certa forma, ser a voz do povo.

Autores como Eloy Terena, Bruce Albert e Davi Kopenawa tornaram-se importantes referências como intelectuais e ativistas dos povos indígenas. Contudo existem situações em que o antropólogo é imprescindível tanto para estudar a comunidade quanto para atuar como porta voz. A obra da antropóloga Daniela Alarcon é repleta de minuciosidades que trazem dados e histórias do território que provavelmente, se fosse escrita por um indígena da própria tribo, não se atentaria para tanto, talvez por julgar desnecessário ou por estar tão habituado com a realidade, que passaria despercebido.

A leitura do livro de Daniela Alarcon nos faz compreender a história, a luta e a resistência dos Tupinambá da Serra do Padeiro através das retomadas para demarcação do território. Entendemos que não é apenas uma luta política de interesses, mas um direito carregado de significado e importância para o resgate e a manutenção da cultura de um povo tão massacrado e negligenciado, e para a proteção dessa terra sagrada.

Recebido em: 19/09/2021 * Aprovado em: 12/12/2021 * Publicado em: 23/12/2021
